

## FICHA TÉCNICA

Título: *Petrus Logus — O Guardião do Tempo*

Autor: *Augusto Cury*

Copyright © Augusto Cury, 2014

Todos os direitos reservados

Versão portuguesa © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Adaptação do texto à versão portuguesa: *Caligrama — Produção Editorial*

Revisão: *Tiago Marques/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, junho, 2017

Depósito legal n.º 425 016/17

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Dedico este livro a:*

---

*A Humanidade é um grande teatro a céu aberto.  
Muitos são espectadores passivos.  
São como servos que só obedecem a ordens.  
Não estejas na plateia.  
Exerce o teu direito de atuar em palco,  
Encenando o guião da tua história,  
Lutando pelos teus sonhos,  
Tornando-te um agente transformador do mundo,  
Pelo menos do teu mundo.  
É preciso coragem para nos reinventarmos  
e sermos felizes.*

---

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## Prólogo

# O dia em que a Humanidade chorou

Aconteceu! Infelizmente, aconteceu... As previsões da Organização das Nações Unidas concretizaram-se. A mais incrível espécie, a única entre milhões que pensava e tinha consciência, experimentou na própria pele a maior catástrofe da sua história.

Num tempo não muito distante do nosso, a população mundial continuava a aumentar. A geração digital estava eufórica com o desenvolvimento tecnológico. Milhares de milhões de pessoas estavam ligadas através das redes sociais, mas havia algo estranho: elas não estavam ligadas a si próprias. Sabiam falar sobre economia, desporto, política, mas pais e filhos não comunicavam, os professores escondiam-se atrás das disciplinas que ensinavam; ninguém falava sobre as suas lágrimas, os seus medos, as suas angústias, os seus sonhos. Os adultos faziam seguros de casas, de carros, de empresas, mas não tinham seguro emocional. A sua emoção era uma terra de ninguém, não havia proteção. Qualquer contrariedade ou frustração furtava a sua tranquilidade.

Eram tempos tristes e de ansiedade. Todos queriam mudar o próximo, erguendo o tom de voz, comparando, criticando em excesso. Não sabiam que nenhum indivíduo é capaz de mudar o outro, que temos o poder de influenciar as pessoas mas não de mudá-las. A violência aumentou — nas famílias, nas escolas, nas empresas. O meio ambiente também não foi poupado. Apesar dos avanços tecnológicos, a Humanidade não preservou a sua saúde mental e muito menos os recursos naturais do planeta. O resultado não poderia ter sido pior...

Sabia-se que, se toda a população mundial entrasse no padrão de consumo da classe média dos países mais ricos, seriam necessários três planetas como o nosso para suprir todas as necessidades. E foi o que aconteceu. Cada nação lutou pelo próprio espaço e desenvolvimento, exercendo o direito legítimo de expandir a sua economia, mas fê-lo sem organização, o que levou a Humanidade ao caos. As disputas pela água, por alimentos e pela energia agudizaram-se e tornaram-se insuportáveis no final do século XXI.

O aquecimento global desertificou dezenas de milhões de hectares de terras férteis. O nível do mar subiu, arrasando cidades inteiras. Nova Iorque, Sidney, Rio de Janeiro, Dubai e centenas de outras belas cidades já não existiam... Antes de a natureza gemer, já os recursos intelectuais e emocionais estavam a ser asfixiados e ninguém percebia.

Naquele tempo, um barril de água valia mais do que um barril de petróleo, ainda que este também fosse escasso. As fontes naturais secaram, os mananciais esgotaram e o regime das chuvas entrara em colapso. As celebridades já não eram os atletas, nem os cantores, nem os atores; já ninguém lhes pedia autógrafos. Os agricultores eram as estrelas desse tempo de insegurança alimentar.

As colheitas eram festejadas como na época do Império Romano, mas a terra, ferida pela destruição da camada de ozono, não conseguia suprir a Humanidade faminta. O trabalhador médio, que antes gastava trinta por cento do seu salário com alimentação, agora despendia quase tudo o que ganhava para nutrir o corpo. Não lhe sobrava dinheiro para mais nada, nem para cuidar da saúde. O desafio era viver mais um dia. Um cenário assombroso.

Os líderes das nações reuniram-se inúmeras vezes para pensar sobre o futuro da Humanidade. Mas os discursos não saíam do papel. Havia presidentes e primeiros-ministros bem-intencionados, mas muitos não eram dignos do poder que possuíam. Usavam o poder para serem servidos e não para servir a sociedade. Bebiam e comiam fartamente nas reuniões organizadas pela ONU, enquanto a Humanidade definhava. Tinham dificuldade em chegar a acordo, embora não houvesse problemas de comunicação. Pensavam como europeus, americanos, asiáticos, latinos, africanos, e não como Humanidade.

Os homens cometeram um crime contra as gerações futuras. O belo planeta azul foi vampirizado pelos seres humanos, que criaram uma armadilha fatal para os seus filhos e para os filhos dos seus filhos. Os idosos não dormiam à noite, as mães temiam dar à luz, as crianças não tinham energia para brincar e os adolescentes não tinham motivação para sonhar.

Quando a escassez de alimentos e de água atingiu um nível insuportável, eclodiram revoltas nas ruas de todos os países. As sociedades enlouqueceram. Foi nesse momento que apareceram líderes psicopatas que, com soluções mágicas, começaram a governar as nações, a eliminar minorias, a controlar a liberdade. Usaram a propaganda de massa para seduzir e manipular multidões, até nas redes sociais, e, desse modo, apoderaram-se do inconsciente coletivo e manipularam a emoção de centenas de milhões de pessoas, em especial da juventude mundial.

Por fim, as armas que nunca deveriam ser usadas saíram dos depósitos e arrasaram a Humanidade. Ocorreu o que todos temiam: a Terceira Guerra Mundial, a guerra das guerras, a guerra que contaminou o ar e enegreceu o céu. Muitíssimo mais destrutiva do que a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. Extinguiram-se nações, povos, culturas e religiões.

Foi um período em que a espécie humana se automutilou. Nas guerras, nunca há vencedores, há apenas os que perdem menos. Mas, na guerra das guerras, todos perderam demasiado. A Humanidade chorou como nunca tinha chorado. Foram tantas lágrimas que, somadas, formariam um rio. Um rio que denunciaria as nossas loucuras...

## O Monumento das Lamentações

### Cem anos depois da Terceira Guerra Mundial

Era uma tarde ensolarada. Raras nuvens azul-claras mescladas com tons cinzentos pintavam a tela do céu. Malthus, um idoso e sábio mestre com traços que lembravam os antigos orientais, cabelo e barba longos e rugas pela face, encontrou o seu aluno: o príncipe Petrus.

O mestre abriu a palma da mão direita e elevou-a à altura do coração de Petrus, que também abriu a palma da mão direita e a dirigiu ao coração de Malthus. As palmas abertas tocaram-se, indicando que professor e aluno estavam a partir daquele momento no mesmo mundo, conectados. Malthus saudou Petrus de forma generosa e provocadora:

— *Sawabona.*

Com aquele cumprimento, o mestre queria dizer: «Respeito-te e valorizo-te.» O aluno respondeu:

— *Shikoba.*

Com aquela resposta, Petrus queria dizer: «Então eu existo para ti.» O cumprimento demonstrava que o aluno só existia para o seu professor se fosse respeitado e valorizado como um ser humano único, como um aprendiz especial. Desse modo, ambos abriam a mente para a troca de experiências. O mestre ensinava, mas também aprendia com a personalidade, a juventude e a curiosidade do aluno.

Malthus, ao saudar Petrus desta forma, resgatava uma antiga tradição de uma tribo africana. Era a sua forma de homenagear

África, o belíssimo e sofrido continente, berço da Humanidade, que fora arrasado pela Terceira Guerra Mundial.

Petrus era um rapaz marcado pela vida. Sofrera uma sobrecarga de stresse que muitos adultos nunca chegam a sofrer ao longo da vida. Era esperto, atrevido, ansioso. Deixava o seu mestre de cabelos em pé com as suas perguntas.

Ambos se sentaram num banco de madeira rústico, numa das enormes praças do imenso Palácio de Cosmus.

A menos de cem metros à frente de Malthus e Petrus, havia imensos monumentos destroçados. O rapaz contemplava os destroços e a sua incontida capacidade de questionar tudo à sua volta acentuava-se.

— Mestre, então a Humanidade já teve muito mais pessoas do que tem hoje?

— Muito mais. Mais de nove milhares de milhões de pessoas habitavam o planeta quando ocorreu a Terceira Guerra Mundial.

— Mais de nove milhares de milhões? E hoje, quantos somos?

— Apenas algumas centenas de milhões — respondeu Malthus com uma profunda tristeza.

— Incrível! Por que razão se fala tão pouco sobre essa grande perda? — indagou o jovem, perplexo.

— É um assunto muitíssimo comentado entre os adultos, mas não com os pequenos — disse o professor antes de se calar.

Petrus, prestes a fazer 13 anos, tinha um espírito inquisitivo e enfrentou o mestre.

— Porque te calaste? Privar os jovens do conhecimento não perpetua a sua imaturidade?

Malthus olhou fixamente para o seu aluno, depois passou as mãos pelo rosto, impressionado. O príncipe tinha uma capacidade de argumentação que não era própria da sua idade. Perante isto, o mestre encheu-se de coragem e fez algumas revelações ao jovem.

— Certo dia, as bombas atómicas, de hidrogénio e de nitrogénio, foram lançadas sobre vários continentes, o céu tornou-se opaco, o ar ficou irrespirável e as fontes de água, que já eram poucas, foram completamente poluídas. No Reino de Cosmus chamamos «A Catástrofe» a esse dramático dia e às suas consequências, mesmo após o fim da Terceira Guerra. A fome e a sede atingiram

praticamente todos os seres humanos, das crianças aos idosos, e muitos morreram de desnutrição ou pelo poder das armas. Foi uma dor indescritível.

Diante da exposição do mestre, Petrus perguntou, preocupado:  
— Meu Deus! Quase nos extinguimos?

Nesse momento, numa árvore ao lado do banco onde estavam sentados, pousou uma estranha ave de duas cabeças que gorjeava de maneira sofrível. Malthus comentou:

— A poluição nuclear alterou o código genético dos animais e das plantas, diminuiu a defesa dos organismos, levando a grandes epidemias. Essas epidemias, as doenças causadas pela poluição, pela fome e por outros elementos, quase levaram ao apocalipse total.

— E por que razão os habitantes da Terra visitam esta área do Palácio de Cosmus?

O Palácio de Cosmus era uma enorme construção com grandes praças. Aquela onde estavam, em especial, Petrus raramente a frequentava; parecia um lugar a ser evitado pelos filhos do rei, principalmente pela insegurança gerada pela circulação dos peregrinos.

— Porque nesta praça há o Monumento das Lamentações. Peregrinos de todos os cantos da Terra vêm aqui chorar a época em que a Humanidade se autodestruíu e fazer preces para que a Catástrofe jamais se repita.

O Monumento das Lamentações era um local que lembrava os dias angustiantes por que a Humanidade passara. Inúmeras pessoas percorriam aquele imenso museu a céu aberto, onde estavam expostos os destroços dos grandes monumentos da Humanidade. Batiam no peito e choravam.

De repente, passou por eles um grupo formado por três homens e duas mulheres, todos idosos, que pranteavam e diziam em voz alta uns para os outros:

— O que fizeram com as nossas crianças?

— Por que razão feriram mortalmente a nossa espécie e arrasaram o planeta?

— Numa existência tão breve, por que motivo os nossos antepassados se esqueceram das futuras gerações?

— Tolos! Loucos! Egoístas! — diziam, condenando os líderes do século XXI que tinham levado a cabo a guerra das guerras.



Petrus, ao ouvir as palavras daqueles idosos, ficou pesaroso. Em seguida, ergueu os olhos e viu alguns homens ricamente trajados que espalhavam incenso pelo ar e olhavam para o alto. Pareciam suplicar algo.

O aprendiz perguntou ao mestre:

— De onde vieram estes destroços?

Malthus ficou em silêncio por instantes, depois respirou profundamente e explicou ao filho do rei:

— Aquele monumento é a cabeça da Estátua da Liberdade, que ficava na mais incrível das grandes cidades do Mundo Antigo. Nela viviam imigrantes de todo o mundo, mas, infelizmente, a cidade sucumbiu às águas e às armas de destruição em massa. Aquela à direita é a cabeça do Cristo Redentor, um monumento que iluminava uma das mais belas cidades do planeta.

— E aqueles ferros retorcidos?

— Faziam parte da Torre Eiffel, na Cidade-Luz, que se converteu numa cidade das trevas.

— E o que é aquela construção pontiaguda?

— É o pináculo do edifício mais alto do Mundo Antigo, o Burj Khalifa, o apogeu da engenharia da época. Mas a cidade em que ele foi erguido, a estrela do Médio Oriente, silenciou-se para sempre.

Então, apontando para umas enormes pedras amontoadas umas sobre as outras, o sábio disse:

— São relíquias da mais fascinante muralha. Construída pelo povo do qual descendo. — Com a voz embargada pelas lágrimas, Malthus acrescentou: — Temos muitos motivos para chorar, príncipe Petrus, muitos motivos...

— Quem trouxe tudo isto para cá?

— Ninguém sabe ao certo. Dizem que foi o Conselho do Império, um misterioso e poderoso povo que sobreviveu à devastação causada pelas bombas.

— Mas são tão pesados! Carroças não os puxariam.

— Certamente. Talvez tenham usado grandes máquinas já desaparecidas. O Conselho do Império é um dos mistérios que ainda não desvendi. Ninguém voltou a ouvir falar dele.

— Os povos antigos eram muito mais capazes do que somos hoje — concluiu o príncipe diante da grandeza dos monumentos.

— De facto, muito mais capazes, mas também muito mais imprudentes e ambiciosos. Esgotaram os recursos naturais. Por isso, depois da Terceira Guerra Mundial, os líderes dos povos tornaram-se profetas radicais de uma nova era. Fizeram um juramento para que nunca criássemos condições para que a Humanidade se autodestruísse novamente.

— E que medidas tomaram eles?

— Difundiram a ideia de que o desenvolvimento tecnológico fora uma das maiores causas da devastação do planeta.

— Porquê?

— Para esses profetas, o ser humano tem um instinto incontrollável de consumir, tão poderoso quanto a fome e a sede. Eles defenderam a tese de que o desenvolvimento tinha levado a um consumo irresponsável, que sugou todos os recursos da Terra e alterou o clima. Por isso, decidiram banir todos os tipos de tecnologia e os templos de consumo.

— O que eliminaram? — perguntou o rapaz, impressionado.

— Centros comerciais, a indústria da moda, de automóveis, de comunicação, de computadores. Tudo.

— É verdade que os homens tinham veículos de ferro e aparelhos que voavam pelos céus?

— Sim.

— Incrível! — disse Petrus, admirado. — E o que são computadores?

— Uma imitação barata do cérebro humano.

— Está bem, mas por que razão os homens construíram armas tão poderosas?

— Existem mil explicações. Mas, para mim, uma das mais importantes é esta: o ser humano, quando se sente ameaçado, deixa de ser *Homo sapiens*, um ser pensante, e torna-se *Homo bios*, um ser instintivo que só vive para si ou para o seu grupo. Deixa de pensar como espécie. Lembra-te disto: a nossa mente é tão complexa que, quando não tem inimigos, inventa-os.

Petrus não compreendeu toda a explicação do mestre, mas percebeu o suficiente para perguntar:

— Um príncipe também cria os seus inimigos?

— Sim. O teu nome, Petrus, significa «pedra», mas nunca serás impenetrável. Um dia, descobrirás que os teus piores inimigos estão dentro de ti, e cabe-te a ti dominá-los.

Para provocar o professor, o aprendiz perguntou:

— E que inimigos crias tu, mestre? O que te tira o sono?

Malthus hesitou.

— Fazes muitas perguntas, Petrus — comentou com impaciência. Malthus quis dizer ao príncipe que era parecido com a mãe, rápida como uma corça, mas conteve-se. O comentário seria demasiado doloroso. A rainha Ellen já não estava entre eles, sofrera a maior de todas as injustiças.

— Mas um aluno que não questiona o mestre é um servo e não um aprendiz — disse o inquieto e sedento príncipe ao educador.

— Desculpa-me, Petrus — disse Malthus, reconhecendo que o príncipe estava certo. — Tenho alguns inimigos. Uns talvez criados pela minha mente, outros muito reais. Mas não gostaria de falar sobre eles neste momento.

O príncipe respeitou o pedido do mestre, mas fez outra pergunta:

— A natureza agradeceu a atitude dos sobreviventes da Catástrofe?

O mestre pensou por alguns instantes. Tudo o que estimulava uma escalada de consumo irresponsável havia sido destruído e passara a aceitar-se apenas uma vida natural. O resto fora dizimado com golpes de raiva. Após a devastação da Humanidade, as pessoas passaram a gastar o mínimo de energia e água para plantar, colher, circular, trocar, interagir.

— Sim, agradeceu. Décadas depois da guerra das guerras, as borboletas começaram a bailar, os pássaros voltaram a gorjear.

De facto, as medidas radicais que foram tomadas levaram as fontes a renascer, as terras voltaram a ser férteis, as plantas a florescer, a escuridão deu lugar ao sol brilhante. Mas, infelizmente, grande parte das nações e das espécies havia desaparecido para sempre. As sequelas foram gigantescas. A radiação nuclear provocara mutações e produzira muitas formas diferentes de vida.

— Que bom que a Humanidade teve a oportunidade de recomeçar — afirmou Petrus. Mas o sábio achava que essa oportunidade não estava a ser bem aproveitada. Estava preocupadíssimo. Algo inquietava a sua mente dia e noite.

Assim que o príncipe acabou de falar, o céu escureceu subitamente e começou a trovejar. As pessoas que estavam no Monumento das Lamentações rapidamente bateram em retirada. Um tufão surgiu abruptamente e aproximou-se do aprendiz e do seu mestre. Malthus achou aquele fenómeno estranhíssimo, que parecia antinatural. O príncipe entrou em pânico e começou a correr, mas o tornado ia na sua direção e parecia persegui-lo, arrancando bancos, vasos e plantas por onde passava.

— Mestre, mestre! Vou morrer!

Malthus correu disparado na direção do jovem. Quando Petrus estava prestes a ser engolido pelo turbilhão, o mestre deu um salto surpreendente — para um idoso! —, agarrou o príncipe e puxou-o para fora do alcance do tufão. Depois do susto, o rapaz comentou, desesperado:

— Pensei que um futuro rei nunca fosse dominado pelo medo.

— Só não têm medo os que estão mortos. Se deixares o medo controlar-te, ele vai paralisar-te; mas, se o domesticares, ele vai proteger-te — afirmou o sábio.

Recuperado do susto, o príncipe disse:

— Como conseguiste dar um salto tão grande?

— Sou um velho que ainda pratica exercício físico. — E advertiu o rapaz: — Tem cuidado, meu príncipe! As trevas detestam a luz.

Petrus ainda era muito jovem e não percebeu a advertência sobre o controlo do medo. Malthus olhou para o horizonte. O seu rosto expressava apreensão. Agora, já não por causa do passado da Humanidade, mas devido ao presente. Muitos corriam sérios perigos no grandioso Reino de Cosmos, em especial Petrus, embora fosse filho do homem mais poderoso da Terra naquele tempo de reflorescimento da espécie humana. Proteger aquele rapaz curioso, ansioso e impetuoso das forças visíveis e invisíveis era uma tarefa quase impossível para um homem.